



Universidade Estadual  
de Santa Cruz - UESC

# RCS&N

Revista Ciências Sociais & Negócios

Volume 1, n.1, 2026

Editora-chefe: **Dra. Josefa Sônia Pereira da Fonseca**

## Determinantes da inovação e empreendedorismo feminino no agronegócio: uma análise da inclusão de género no Programa de Incubação de Negócios Agro-Alimentares (PROINAGRO)

**Joana Manuel Matusse Joaquim**

Universidade Eduardo Mondlane

<https://orcid.org/0000-0001-8669-7731>

[joana.joaquim@uem.mz](mailto:joana.joaquim@uem.mz)

**António da Piedade Melo**

Universidade Eduardo Mondlane

<https://orcid.org/0000-0002-6815-4810>

[antonio.melo@uem.mz](mailto:antonio.melo@uem.mz)

**Alexandre José Kulemedzana**

Universidade Eduardo Mondlane

<https://orcid.org/0009-0002-0611-4036>

[alexandre.kulemedzana@uem.mz](mailto:alexandre.kulemedzana@uem.mz)

Recebido em: 17/01/2026

Aprovado em: 02/06/2026

Publicado em: 02/07/2026



### Declaração de uso da inteligência artificial

Durante a redação deste artigo, não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial em nenhuma etapa do processo. Todas as ideias, análises e interpretações são de autoria dos(as) pesquisadores(as), que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo. Esta prática está em conformidade com os princípios de integridade académica e das boas práticas editoriais.

# **Determinantes da inovação e empreendedorismo feminino no agronegócio: uma análise da inclusão de género no Programa de Incubação de Negócios Agro-Alimentares (PROINAGRO)**

**Joana Manuel Matusse Joaquim<sup>1</sup>**

**António da Piedade Melo<sup>2</sup>**

**Alexandre José Kulemedzana<sup>3</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo aborda a confluência entre o empreendedorismo feminino e a inovação tecnológica no setor agroalimentar moçambicano, tomando como base os resultados do Programa de Incubação de Negócios Agro-Alimentares (PROINAGRO), implementado pela Universidade Eduardo Mondlane com o financiamento do Banco Mundial. O estudo investiga a integração de mecanismos de suporte técnico-financeiro e a incorporação de variáveis de género, em ecossistemas de incubação universitária, como determinantes para a conversão de ciência em startups escaláveis, propondo-se a analisar o impacto das estratégias de inclusão e

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Desenvolvimento - Docente do Departamento de Agricultura da Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto, Universidade Eduardo Mondlane, Membro do PROINAGRO - CE-AFSN.

<sup>2</sup> Doutor em Fitotecnia - Docente do Departamento de Agricultura da Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto, Universidade Eduardo Mondlane, Membro do PROINAGRO - CE-AFSN.

<sup>3</sup> Mestre em Economia de Desenvolvimento - Docente do Departamento de Gestão da Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto, Universidade Eduardo Mondlane, Membro do PROINAGRO - CE-AFSN.

das metodologias de incubação prática na capacidade de inovação e na viabilidade de modelos de negócio liderados por mulheres, tomando o PROINAGRO como unidade de análise. A pesquisa fundamenta-se no quadro teórico do *Gender-Aware Framework* de Brush et al. (2009) e nas teorias de inovação incremental (Amable, 1995), articulando estas perspetivas com a abordagem *learning by doing* (Kenneth, 1962). Para o efeito, adota uma abordagem qualitativa de estudo de caso, baseada na análise documental do PROINAGRO, acompanhamento prático e observação participante das startups em todas as fases do processo de incubação. Os resultados sugerem que o PROINAGRO se destacou pela inclusão estratégica de género, alcançando uma participação feminina de 45% entre os proponentes de startups, assim como pela eficácia da abordagem *learning by doing* na mitigação de barreiras tecnológicas. Evidencia-se, igualmente, que a inclusão de mulheres em ecossistemas de inovação não apenas promove a equidade de género, mas também amplia a diversidade de soluções resilientes orientadas para a promoção da segurança alimentar. Em suma, o fortalecimento institucional e o acesso a recursos tecnológicos são factores determinantes para a sustentabilidade das empresas lideradas por mulheres no contexto do agronegócio, sendo que a consolidação donexo género e inovação configura-se como um imperativo estratégico para potenciar a resiliência produtiva e a segurança alimentar no contexto moçambicano.

**Palavras-chave:** empreendedorismo feminino; inovação tecnológica; agronegócio; PROINAGRO; Moçambique.

## 1 INTRODUÇÃO

O agronegócio constitui a espinha dorsal da economia moçambicana, assegurando a subsistência de

cerca de 80% da população e contribuindo de forma significativa para o Produto Interno Bruto (PIB). Apesar da sua relevância socioeconómica, o setor agroalimentar nacional continua marcado por baixos níveis de produtividade, reduzida agregação de valor e limitada integração em cadeias de valor competitivas. Conforme argumenta Mazzucato (2013), a inovação não emerge espontaneamente, dependendo da existência de instituições capazes de catalisar investimento, reduzir riscos tecnológicos e promover a transformação estrutural da economia. No contexto moçambicano, Mosca (2014) identifica como entraves centrais à modernização agrícola a persistência de sistemas produtivos de subsistência, a fraca capacidade tecnológica, o acesso limitado ao financiamento e as dificuldades de inserção em mercados competitivos.

Paralelamente, autores como Castel-Branco (2014) argumentam que o padrão histórico de crescimento económico em Moçambique tem sido predominantemente extrativo e pouco inclusivo, caracterizado pela dependência de recursos primários e pela limitada articulação entre ciência, inovação e desenvolvimento produtivo. Tal cenário evidencia a necessidade de políticas e iniciativas que promovam a diversificação económica por meio do conhecimento científico, da inovação tecnológica e da valorização do capital humano local. Neste sentido, a construção de ecossistemas de inovação voltados para o agronegócio apresenta-se como uma estratégia fundamental para impulsionar a industrialização agroalimentar e fortalecer a competitividade nacional.

É neste quadro que o empreendedorismo, particularmente o empreendedorismo feminino, assume crescente relevância como mecanismo de transformação económica e social. A literatura internacional consolidou importantes referenciais analíticos sobre o tema, destacando-se o framework desenvolvido por Brush et al. (2009), que propõe uma abordagem ampliada do empreendedorismo feminino através do modelo

dos 5 *M's*, *Market*, *Money*, *Management*, *Motherhood* e *Meso/Macro Environment*, enfatizando a influência das dimensões socioculturais, institucionais e políticas na criação e sustentabilidade dos negócios liderados por mulheres. No contexto africano, Amoako e Lyon (2014) defendem que o empreendedorismo feminino tem sido historicamente condicionado por estruturas de informalidade e sobrevivência económica. Contudo, estudiosas africanas como Mama (2001) e Steady (2006) demonstram que a agência das mulheres africanas constitui um importante vetor de resiliência, inovação e reorganização das cadeias produtivas regionais.

Em Moçambique, embora as mulheres representem a maioria da força de trabalho agrícola, a sua participação em segmentos de maior intensidade tecnológica permanece limitada por fatores estruturais, incluindo desigualdades no acesso à terra, ao crédito, à formação técnica e às tecnologias digitais. Estudos desenvolvidos por Casimiro (2004) e Arthur (2014) evidenciam que as relações de género e as normas socioculturais continuam a restringir a autonomia económica feminina, comprometendo a inserção das mulheres em processos de inovação e liderança empresarial. Na mesma linha, Francisco (2015) argumenta que o desenvolvimento sustentável exige a superação de modelos centrados exclusivamente no crescimento económico, colocando o capital humano, especialmente o feminino, no centro das estratégias de transformação rural e inclusão produtiva.

Neste contexto, iniciativas de incubação tecnológica e empresarial assumem um papel estratégico na promoção de ecossistemas inclusivos de inovação. O Programa de Incubação de Negócios Agro-Alimentares (PROINAGRO), implementado pela Universidade Eduardo Mondlane com financiamento do Banco Mundial, constitui um exemplo relevante desta abordagem. Estruturado a partir da lógica da “Triple Helix”, o programa articula academia, parceiros de desenvolvimento e mecanismos de suporte técnico-financeiro com o objetivo de

converter investigação científica em startups agroalimentares escaláveis. Ao incorporar a inclusão de género como um dos seus pilares estratégicos, o PROINAGRO reconhece que a participação económica das mulheres é condição indispensável para a promoção de um desenvolvimento sustentável, inclusivo e tecnologicamente orientado, conforme sustentado por Nuvunga (2013) e reforçado pelas reflexões de Ali (2020) sobre os desafios da transição digital em Moçambique.

Diante deste cenário, o presente artigo propõe-se a analisar em que medida a integração de mecanismos de suporte técnico-financeiro e a incorporação de variáveis de género, no âmbito do ecossistema de incubação universitária do PROINAGRO, contribuíram para a conversão de investigação científica em startups agroalimentares lideradas por mulheres. Com efeito, propõe-se analisar o impacto das estratégias de inclusão de género e das metodologias de incubação prática sobre a capacidade de inovação e viabilidade de modelos de negócio em startups lideradas por mulheres, tomando como unidade de análise o PROINAGRO. O estudo pretende, igualmente, contribuir para o debate académico sobre inovação, empreendedorismo feminino e desenvolvimento inclusivo no Sul Global, enfatizando o papel das universidades e dos programas de incubação na redução das desigualdades estruturais e na promoção de ecossistemas sustentáveis de inovação.

Para responder aos objetivos delineados, o presente estudo estrutura-se em cinco secções principais. Além da introdução, a segunda secção estabelece o enquadramento teórico, cruzando as teorias seminais de inovação com as perspetivas contemporâneas de género e desenvolvimento no Sul Global. A terceira secção detalha o percurso metodológico que, transcendendo a análise documental estrita, fundamenta-se num acompanhamento prático e na observação participante das startups em todas as etapas do processo de incubação. A quarta secção dedica-se à

apresentação e discussão dos resultados, estruturada em torno dos indicadores de desempenho e marcos de inovação alcançados. Finalmente, a quinta secção sintetiza as considerações finais, as limitações do estudo e as implicações para a promoção do empreendedorismo tecnológico.

Sob o ponto de vista ético e de integridade científica, o estudo observa estritos protocolos de confidencialidade. De modo a salvaguardar o sigilo industrial e a propriedade intelectual das soluções desenvolvidas, os nomes das representantes e as especificidades técnicas proprietárias das startups foram omitidos ou anonimizados. A análise privilegia, portanto, as tipologias de inovação, as trajetórias de aprendizagem e os impactos sistémicos observados desde o *hackathon* inicial até à fase de incubação prática, garantindo que o rigor académico não comprometa a viabilidade competitiva das iniciativas analisadas.

## 2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A fundamentação teórica do presente estudo estrutura-se a partir de uma abordagem interdisciplinar que articula contributos das teorias da inovação, dos sistemas de inovação agrícola, do empreendedorismo feminino e dos modelos contemporâneos de incubação tecnológica. Esta abordagem permite compreender, de forma integrada, as dinâmicas que condicionam a transformação da investigação científica em iniciativas empresariais sustentáveis no contexto do agronegócio moçambicano. Para tal, o enquadramento analisa, inicialmente, as bases conceptuais da inovação e da modernização agrícola, avançando posteriormente para as perspetivas de género no empreendedorismo e, por fim, para os modelos de incubação fundamentados na aprendizagem prática e na inovação orientada ao mercado.

## **2.1 Inovação no agronegócio: da destruição criativa à adaptação contextual**

A compreensão contemporânea da inovação encontra um dos seus principais fundamentos teóricos na obra de Schumpeter (1934), que definiu a inovação como o motor da “destruição criativa”, processo através do qual novas combinações produtivas substituem modelos económicos obsoletos, impulsionando o desenvolvimento capitalista. Para Schumpeter, o empreendedor desempenha um papel central enquanto agente de mudança, sendo responsável pela introdução de novos produtos, métodos de produção, mercados e formas organizacionais. Todavia, a aplicabilidade desta perspetiva em economias periféricas e agrárias exige adaptações analíticas. Em contextos como o moçambicano, a inovação raramente assume a forma de ruptura tecnológica radical observada em economias industrializadas, manifestando-se, com maior frequência, através de processos incrementais de adaptação tecnológica, difusão de conhecimento e reorganização produtiva. Nesta perspetiva, Mosca (2014) argumenta que o principal desafio da agricultura moçambicana não reside apenas na criação de tecnologias inéditas, mas sobretudo na capacidade de incorporar inovação em sistemas produtivos marcados pelo dualismo estrutural entre a agricultura familiar de subsistência e os segmentos agroindustriais orientados ao mercado. A persistência de baixos índices de mecanização, reduzida produtividade e limitada articulação entre produção, transformação e comercialização reforça a necessidade de modelos de inovação adaptados às realidades locais.

Neste contexto, ganha relevância o conceito de Sistemas de Inovação Agrícola, desenvolvido por autores como Hall et al. (2006) e Spielman (2005), que desloca o enfoque analítico da inovação enquanto ato individual para uma perspetiva sistémica baseada



em redes de interação entre múltiplos atores. Segundo esta abordagem, a inovação emerge da interação dinâmica entre instituições científicas, agentes económicos, organizações governamentais, produtores e mecanismos de financiamento, sendo o conhecimento produzido coletivamente através da cooperação e da aprendizagem interativa.

A teoria da Tripla Hélice, formulada por Etzkowitz e t Leydesdorff (2000), reforça esta visão sistémica ao defender que os processos de inovação resultam da interseção estratégica entre universidade, governo e indústria. Neste modelo, as universidades deixam de atuar exclusivamente como instituições de ensino e investigação, assumindo igualmente funções empreendedoras orientadas para a transferência de tecnologia, incubação de empresas e promoção do desenvolvimento económico. Em países em desenvolvimento, esta perspetiva torna-se particularmente relevante, uma vez que a fragilidade do setor privado e dos ecossistemas nacionais de inovação exige uma participação mais ativa do Estado e das instituições académicas na promoção do empreendedorismo tecnológico.

A este respeito, Mazzucato (2013) argumenta que o Estado desempenha um papel determinante na construção de ecossistemas inovadores, especialmente em setores caracterizados por elevada incerteza tecnológica e reduzida capacidade de investimento privado. A autora introduz o conceito de “Estado Empreendedor”, defendendo que as grandes transformações tecnológicas históricas resultaram da atuação estratégica de instituições públicas capazes de assumir riscos, financiar investigação aplicada e criar condições estruturais para o surgimento de novos mercados. No contexto moçambicano, esta perspetiva evidencia a importância de programas de incubação universitária e de financiamento internacional na promoção da inovação agroalimentar.

Paralelamente, autores como Castel-Branco (2014) alertam que o padrão económico moçambicano con-

tinua excessivamente dependente de setores extrativos e de baixa incorporação tecnológica, limitando a capacidade de transformação estrutural da economia. Tal realidade reforça a necessidade de políticas públicas orientadas para a valorização da investigação científica, da industrialização agrícola e da inovação inclusiva, particularmente em setores com forte impacto social, como o agronegócio.

## **2.2 O *gender-aware framework*: repensando o sujeito empreendedor**

A literatura clássica sobre empreendedorismo foi historicamente construída a partir de uma perspetiva universalista e aparentemente neutra em termos de género, frequentemente baseada em experiências masculinas e em contextos económicos ocidentais. Como resultado, durante décadas, as especificidades sociais, culturais e institucionais que condicionam a participação das mulheres nos processos empreendedores permaneceram marginalizadas na produção académica. Em resposta a esta limitação, emergiram abordagens críticas que passaram a incorporar a dimensão de género como variável central na análise do empreendedorismo. Entre os contributos mais relevantes destaca-se o *framework* desenvolvido por Brush et al. (2009), conhecido como modelo dos 5 *M's*. Este modelo amplia os tradicionais fatores de análise do empreendedorismo - *Market*, *Money* e *Management* - ao integrar as dimensões *Motherhood* e *Meso/Macro Environment*. Segundo as autoras, a atividade empreendedora feminina não pode ser compreendida isoladamente das estruturas familiares, das normas socioculturais, das políticas públicas e dos sistemas institucionais que moldam as oportunidades económicas disponíveis para as mulheres.

A relevância desta abordagem torna-se ainda mais evidente no contexto africano, onde o empreendedorismo feminino frequentemente emerge em

ambientes marcados por desigualdades estruturais, informalidade económica e fragilidade institucional. Mama (2001) e Steady (2006) argumentam que as mulheres africanas desenvolvem formas específicas de agência e resistência económica, mobilizando redes sociais, conhecimentos locais e estratégias coletivas para superar barreiras estruturais. Nesta perspetiva, o empreendedorismo feminino transcende a dimensão estritamente económica, constituindo igualmente um mecanismo de afirmação social, autonomia e transformação das relações de poder.

No contexto moçambicano, estudos conduzidos por Casimiro (2004) e Arthur (2014) demonstram que as mulheres continuam a enfrentar obstáculos significativos no acesso à terra, ao crédito, à educação tecnológica e aos espaços de decisão económica. Embora representem a maioria da força de trabalho agrícola, permanecem sub-representadas em segmentos empresariais de maior intensidade tecnológica e valor agregado. As autoras evidenciam que normas patriarcais, práticas consuetudinárias e assimetrias institucionais condicionam fortemente a capacidade das mulheres de acumularem capital produtivo e participarem em ecossistemas formais de inovação.

Sob esta ótica, o empreendedorismo feminino deve ser compreendido não apenas como escolha individual, mas como processo de negociação permanente com estruturas sociais, económicas e culturais. Tal perspetiva aproxima-se das reflexões de Nuvunga (2013), que associa o desenvolvimento sustentável em Moçambique à necessidade de inclusão efetiva dos grupos historicamente marginalizados nos processos de decisão económica e tecnológica. Assim, a inovação protagonizada por mulheres adquire igualmente uma dimensão emancipatória, ao desafiar estruturas de exclusão e ampliar as possibilidades de participação económica e social feminina.

Além disso, a literatura recente sobre inovação inclusiva sustenta que a diversidade de género nos

ecossistemas de empreendedorismo contribui para o aumento da criatividade, da capacidade adaptativa e da sustentabilidade organizacional. Ali (2020), a transição digital em Moçambique exige estratégias que integrem mulheres nos processos de inovação tecnológica, reduzindo desigualdades no acesso ao conhecimento e às ferramentas digitais. Neste sentido, programas de incubação orientados para a inclusão de género podem desempenhar um papel estratégico na democratização da inovação e na construção de modelos de desenvolvimento mais equitativos.

### **2.3 Modelos de incubação e a metodologia learning by doing**

A transformação da investigação científica em produtos, serviços e modelos de negócio comercialmente viáveis requer a existência de estruturas institucionais capazes de reduzir os riscos inerentes aos processos de inovação. É neste contexto que emergem as incubadoras de empresas e os ecossistemas de aceleração tecnológica, concebidos como ambientes de suporte à aprendizagem, experimentação e validação de soluções inovadoras.

A fundamentação teórica destes modelos encontra um importante suporte na teoria do *Learning by Doing*, proposta por Arrow (1962). Segundo Arrow, a produtividade e a inovação resultam da experiência acumulada ao longo da prática produtiva, sendo o conhecimento gerado através da repetição, experimentação e resolução contínua de problemas. Esta perspetiva rompe com concepções lineares de aprendizagem, defendendo que o desenvolvimento tecnológico depende da interação entre conhecimento teórico e experiência prática.

Nas últimas décadas, esta abordagem foi incorporada em metodologias contemporâneas de empreendedorismo e inovação, destacando-se os modelos

Lean Startup, desenvolvido por Ries (2011), e Design Thinking, amplamente difundido por Brown (2008). Estas metodologias defendem processos iterativos de criação, prototipagem, validação e aprendizagem contínua, permitindo que empreendedores testem soluções em ambientes reais de mercado antes de realizarem investimentos de grande escala.

No contexto de países em desenvolvimento, a aplicação destas abordagens exige adaptações às especificidades locais. Conforme argumenta Ali (2020), a introdução de metodologias ágeis em ambientes rurais e em contextos de baixa literacia digital requer processos de mediação e “tradução tecnológica”, capazes de tornar o conhecimento técnico acessível às comunidades locais e aos empreendedores emergentes. Assim, as incubadoras não desempenham apenas funções técnicas ou financeiras, mas também pedagógicas e socioculturais, atuando como espaços de construção de competências e fortalecimento da confiança empreendedora.

Na mesma linha, Francisco (2015) defende que o desenvolvimento sustentável em Moçambique depende da valorização do capital humano através de processos de aprendizagem ativa, colaborativa e contextualizada. Sob esta perspetiva, as incubadoras universitárias assumem um papel estratégico ao aproximarem investigação científica, necessidades sociais e oportunidades de mercado. Através de mecanismos como hackathons, mentorias, pré-incubação, incubação e grants de financiamento, estas estruturas permitem que ideias científicas sejam progressivamente transformadas em soluções economicamente viáveis e socialmente relevantes.

Deste modo, os modelos contemporâneos de incubação deixam de ser entendidos apenas como espaços físicos de apoio empresarial, passando a configurar-se como ecossistemas de inovação e aprendizagem interativa. A incubadora torna-se, assim, o elo entre conhecimento académico, experimentação prática e

inserção mercadológica, contribuindo para a emergência de startups inovadoras capazes de responder aos desafios estruturais do desenvolvimento económico e social.

### **3 METODOLOGIA**

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada no método de estudo de caso único com múltiplas unidades de análise. Esta opção metodológica justifica-se pela necessidade de compreender, de forma aprofundada, um fenómeno contemporâneo e complexo, a incubação de startups agroalimentares, no seu contexto real de implementação, onde as relações entre o fenómeno estudado e o contexto institucional, social e económico se encontram fortemente interligadas, conforme defendido por Yin (2014).

A escolha da abordagem qualitativa permitiu explorar não apenas os resultados do programa, mas também os processos, interações, desafios e dinâmicas de aprendizagem envolvidos na transformação de ideias científicas em modelos de negócio inovadores. Além disso, possibilitou compreender as dimensões sociais e de género associadas ao empreendedorismo feminino no contexto do agronegócio moçambicano.

#### **3.1 Unidade de análise e contexto do estudo**

A unidade central de análise é o Programa de Incubação de Negócios Agro-Alimentares (PROINAGRO), implementado pela Universidade Eduardo Mondlane no âmbito das iniciativas de promoção da inovação e do empreendedorismo tecnológico. O estudo incidiu sobre as 13 startups que concluíram integralmente o ciclo de incubação entre outubro e dezembro de 2025.

O ecossistema de incubação abrangeu atividades desenvolvidas na Cidade de Maputo, através do Centro de Informática da Universidade Eduardo Mondlane (Ciuem), e na Província de Gaza, concretamente no distrito de Chókwè com mentores da Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto (Esneec). Esta distribuição territorial permitiu analisar como os processos de inovação e incubação tecnológica se adaptam a diferentes realidades socioeconómicas, institucionais e territoriais de Moçambique, particularmente em contextos urbanos e rurais.

### **3.2 Técnicas de recolha de dados: triangulação metodológica**

Com o objetivo de assegurar maior consistência, validade e fiabilidade dos resultados, recorreu-se à triangulação metodológica, combinando diferentes técnicas de recolha de dados. Segundo Denzin (1978), a triangulação permite cruzar múltiplas fontes de evidência, reduzindo limitações associadas à utilização de uma única técnica de investigação.

#### *a) Análise documental*

Foi realizada uma análise detalhada dos principais documentos institucionais e operacionais do programa, incluindo o Relatório Final do PROINAGRO (2025), os termos de referência das diferentes fases do processo de incubação, os planos de negócio elaborados pelas startups e as grelhas de avaliação técnica utilizadas durante a prototipagem e validação das soluções. A análise documental permitiu compreender os objetivos estratégicos do programa, os critérios de seleção, as metodologias adotadas e os resultados alcançados, possibilitando comparar as metas inicialmente definidas com os resultados efetivamente executados.

### *b) Observação participante*

Os investigadores acompanharam diretamente todas as fases do processo de incubação, nomeadamente o Hackathon, a Pré-Incubação, a Incubação Prática e o Demoday. Esta observação participante possibilitou compreender as dinâmicas de interação entre incubados, mentores e gestores do programa, bem como os processos de tomada de decisão e resolução de problemas ao longo do desenvolvimento das startups. Além disso, a técnica permitiu identificar aspetos menos visíveis nos documentos formais, sobretudo as dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante os processos de liderança, desenvolvimento técnico e gestão dos projetos incubados.

### *c) Acompanhamento prático de campo*

Foi igualmente realizado um acompanhamento contínuo das atividades desenvolvidas no Ciuem e em Chókwè, através da monitoria direta das sessões de mentoria, prototipagem e validação de produtos. Este acompanhamento permitiu observar a evolução prática das soluções desenvolvidas pelas startups, incluindo processos relacionados com formulação de produtos, desenvolvimento de embalagens, estratégias de comercialização e sistemas de monitorização tecnológica.

## **3.3 Procedimentos de análise de dados**

Os dados recolhidos foram analisados com recurso à técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). Esta técnica permitiu organizar, categorizar e interpretar os dados qualitativos de forma sistemática, facilitando a identificação de padrões, relações e dimensões analíticas relevantes para o estudo.



A análise foi estruturada em torno de três dimensões principais:

Dimensão Operacional, centrada na avaliação da eficácia das metodologias de incubação utilizadas, particularmente as abordagens Lean Startup e Design Thinking, no contexto académico e rural moçambicano;

Dimensão de Género, orientada pela aplicação do *Gender-Aware Framework*, procurando compreender de que forma o suporte técnico-financeiro, incluindo os grants atribuídos às startups, influenciou a participação, liderança e autonomia das mulheres empreendedoras;

Dimensão de Inovação, dedicada à análise do nível de maturidade tecnológica dos protótipos desenvolvidos, considerando a evolução das soluções ao longo das diferentes fases de incubação.

### **3.4 Rigor ético e confidencialidade**

O estudo observou os princípios éticos aplicáveis à investigação científica, assegurando a confidencialidade e a proteção das informações recolhidas. Todos os dados considerados sensíveis ou estratégicos foram anonimizados, especialmente aqueles relacionados com modelos de negócio, protótipos e processos tecnológicos em desenvolvimento.

A participação dos envolvidos ocorreu de forma voluntária, mediante consentimento informado, sendo garantido o respeito pelos princípios de sigilo institucional e proteção da propriedade intelectual das startups incubadas. O tratamento e apresentação dos dados seguiram igualmente as orientações éticas e científicas recomendadas para publicação académica na área das Ciências Sociais e Estudos Organizacionais.

## 4 RESULTADOS DO ESTUDO

O PROINAGRO recebeu um total de 190 candidaturas provenientes de diferentes províncias da região Centro e Sul de Moçambique, demonstrando elevado interesse pelo empreendedorismo agroalimentar e pela inovação tecnológica no setor agrícola. Do processo de triagem e avaliação técnica, foram selecionados 20 grupos para participação no Hackathon, dos quais 13 startups concluíram integralmente o ciclo de incubação. As startups incubadas atuam em diferentes segmentos do agronegócio, nomeadamente: produção e processamento alimentar, irrigação inteligente, energias renováveis aplicadas à agricultura, produção de biofertilizantes, monitorização agrícola com drones, embalagens biodegradáveis, sistemas de incubação avícola e nutrição animal e formulação de rações.

Os dados do PROINAGRO demonstram que aproximadamente 45% das startups são de iniciativa feminina, actuando sobretudo nas áreas de produção, processamento e comercialização alimentar, irrigação inteligente, produção de biofertilizantes, embalagens biodegradáveis, nutrição animal e formulação de rações, assumindo funções de liderança, com participação directa nos processos de tomada de decisão, coordenação técnica e apresentação dos projectos.

Os projetos foram desenvolvidos principalmente na Cidade de Maputo e na Província de Gaza. O Programa desenvolveu-se em quatro fases de incubação, nomeadamente Hackathon, Pré-incubação, incubação prática, demoday. A fase de Hackathon constituiu o primeiro momento de estruturação das ideias de negócio. Durante esta etapa, as equipas participaram em sessões intensivas de ideação, resolução de problemas, modelação de negócios e desenvolvimento inicial de soluções inovadoras. Os resultados desta fase evidenciaram: consolidação preliminar das ideias de negócio, formação de equipas multidisciplinares, identificação de problemas concretos do setor

agroalimentar, desenvolvimento inicial de protótipos conceituais, fortalecimento das capacidades de apresentação e comunicação empresarial. Verificou-se o envolvendo estudantes, jovens empreendedores, investigadores e recém-graduados provenientes de diferentes áreas de formação. igualmente elevada participação juvenil e significativa presença feminina nas equipas selecionadas.

Na fase de pré-incubação, as startups receberam capacitação técnica e empresarial orientada para validação de mercado e estruturação dos modelos de negócio. Os participantes foram treinados em metodologia fundamenta-se na aplicação de frameworks de gestão ágil e ferramentas de modelagem de negócios para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Modelagem Ágil: Lean Startup, Design Thinking e Business Model Canvas. Planeamento Estratégico: Análise SWOT e Estratégias de Marketing. Comunicação & Operação: Pitch empresarial e Ferramentas digitais de gestão. Como resultado desta fase as startups refinaram os seus modelos de negócio, foram realizadas análises preliminares de mercado, desenvolveram-se planos financeiros básicos, melhorou-se a capacidade técnica de gestão dos projetos.

A fase de incubação prática correspondeu ao desenvolvimento, testagem e validação dos protótipos. As startups beneficiaram de mentorias técnicas especializadas, acompanhamento contínuo e utilização de laboratórios. Durante esta etapa, verificaram-se os seguintes resultados: desenvolvimento funcional de protótipos agroalimentares, produção experimental de biofertilizantes e rações, criação de embalagens biodegradáveis, implementação experimental de soluções de irrigação, testagem de sistemas tecnológicos de monitorização agrícola, melhoramento de produtos alimentares processados.

O Demo Day foi um espaço de demonstração dos resultados alcançados pelas startups, promover a sua visibilidade e facilitar a ligação com parceiros

institucionais, potenciais financiadores e outros actores relevantes do ecossistema de inovação e empreendedorismo. A realização do Demo Day permitiu alcançar resultados concretos e mensuráveis, alinhados com os objectivos definidos: graduação e avaliação das startups, participação e envolvimento dos actores do ecossistema, networking e articulação com parceiros, visibilidade e impacto do programa. O programa contribuiu para o reforço da cultura empreendedora, para a criação de oportunidades de networking e para a aproximação das startups a potenciais fontes de financiamento e apoio técnico.

As startups beneficiaram ainda de acesso a *grants* no valor de USD 2.714,86 (dois mil e setecentos e catorze dólares norte americanos e oitenta e seis centavos) por startup graduada.

Não obstante os avanços alcançados, foram identificados alguns constrangimentos durante o processo de incubação, nomeadamente: limitações de conectividade digital, insuficiência de equipamentos tecnológicos avançados (paines solares, drones etc.), dificuldades logísticas em contextos rurais. Adaptações inteligentes, como simulações e uso de recursos locais, mantiveram a integridade formativa e prepararam as startups para a fases posteriores (DemoDay e inserção no mercado, apesar dos desafios operacionais.

Os resultados demonstram que o PROINAGRO se consolidou como um ecossistema de inovação universitária orientado para a aprendizagem prática, validação na validação prática de protótipos e na capacitação técnica dos participantes, resultando em impactos tangíveis, como protótipos sustentáveis (ex.: biofertilizantes, embalagens biodegradáveis) e aquisição de competências e fortalecimento do empreendedorismo agroalimentar em Moçambique. O programa articulou investigação aplicada, incubação empresarial e desenvolvimento territorial, permitindo que ideias inicialmente concebidas

em ambiente académico fossem progressivamente transformadas em soluções com potencial de inserção no mercado.

## **5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **5.1 O PROINAGRO como ecossistema de inovação agroalimentar**

Os resultados obtidos demonstram que o PROINAGRO se consolidou como um ecossistema de inovação universitária orientado para a aprendizagem prática, validação tecnológica e fortalecimento do empreendedorismo agroalimentar em Moçambique. O programa articulou investigação aplicada, incubação empresarial e desenvolvimento territorial, permitindo que ideias inicialmente concebidas em ambiente académico fossem progressivamente transformadas em soluções com potencial de inserção no mercado.

A estruturação do programa em quatro fases sequenciais, Hackathon, Pré-Incubação, Incubação Prática e Demoday, evidencia uma abordagem alinhada às perspetivas contemporâneas de inovação incremental e aprendizagem iterativa. Esta lógica aproxima-se da conceção de inovação defendida por Schumpeter (1934), segundo a qual a inovação constitui um mecanismo de transformação económica através da introdução de novas combinações produtivas. Contudo, no contexto moçambicano, os resultados demonstram que a inovação assume predominantemente um carácter adaptativo e contextual, conforme argumenta Mosca (2014), ao analisar as limitações estruturais do setor agrário nacional.

A operacionalização do programa através do Ciuem, da Esnec e do CE-AFSN evidencia igualmente a aplicação prática da teoria da Tripla Hélice proposta por Etzkowitz e Leydesdorff (2000). A articulação entre universidade, parceiros de financiamento e atores

produtivos permitiu criar um ambiente colaborativo de inovação, no qual investigação científica, capacitação técnica e empreendedorismo passaram a atuar de forma integrada.

A participação do Banco Mundial no financiamento do programa reforça igualmente a perspetiva do *Estado Empreendedor* defendida por Mazzucato (2013), segundo a qual processos de inovação em contextos de elevada incerteza tecnológica dependem do envolvimento ativo de instituições públicas e parceiros estratégicos na partilha de riscos e no financiamento da experimentação.

Além disso, a diversidade dos projetos incubados demonstra a emergência de novas dinâmicas de inovação no agronegócio moçambicano. As soluções desenvolvidas em áreas como biofertilizantes, irrigação inteligente, drones agrícolas, energias renováveis e embalagens biodegradáveis evidenciam uma gradual transição de modelos produtivos tradicionais para abordagens orientadas pela sustentabilidade, agregação de valor e incorporação tecnológica.

## **5.2 A Eficácia das metodologias de incubação e do learning by doing**

Os resultados revelam que as metodologias de incubação utilizadas pelo PROINAGRO desempenharam um papel determinante no desenvolvimento das competências técnicas e empresariais das startups incubadas. A utilização de ferramentas como Lean Startup, Design Thinking, Business Model Canvas e metodologias ágeis permitiu criar um ambiente de aprendizagem prática baseado na experimentação contínua, validação de hipóteses e resolução de problemas reais.

Esta abordagem confirma os pressupostos da teoria do *Learning by Doing*, desenvolvida por Arrow (1962), segundo a qual a inovação e a produtividade resultam da experiência acumulada e da aprendizagem

adquirida através da prática. No caso do PROINAGRO, a aprendizagem não ocorreu apenas em sala de formação, mas sobretudo durante os processos de prototipagem, testagem de soluções e interação com desafios concretos do setor agroalimentar.

A fase de Pré-Incubação revelou-se particularmente relevante para o fortalecimento das capacidades empresariais das equipas. As formações em análise de mercado, marketing, gestão financeira, pitch empresarial e ferramentas digitais contribuíram para ampliar a capacidade dos incubados em estruturar modelos de negócio mais consistentes e orientados ao mercado. Este resultado evidencia que a incubação universitária contemporânea ultrapassa a dimensão exclusivamente técnica, integrando igualmente competências de gestão, comunicação e liderança empreendedora.

Por sua vez, a Incubação Prática permitiu validar os protótipos em contextos reais de utilização, aproximando investigação científica e necessidades concretas do mercado. A utilização de laboratórios, unidades experimentais e acompanhamento técnico especializado possibilitou que as startups transformassem ideias conceptuais em soluções funcionais e potencialmente escaláveis.

Estes resultados reforçam as reflexões de Francisco (2015), ao defender que o desenvolvimento sustentável em Moçambique depende de processos de aprendizagem ativa e contextualizada, centrados na valorização do capital humano e na experimentação prática. A incubadora assumiu, assim, o papel de elo entre teoria académica, inovação aplicada e viabilidade económica.

### **5.3 Inclusão de género e empoderamento feminino no ecossistema de inovação**

Os resultados do estudo demonstram que a inclusão de género constituiu um dos elementos estratégicos do PROINAGRO. A participação feminina registada

no programa evidencia um esforço institucional para ampliar a presença das mulheres em espaços tradicionalmente marcados por desigualdades de acesso à tecnologia, financiamento e empreendedorismo.

A análise dos dados mostra que as mulheres participaram ativamente em áreas como processamento alimentar, desenvolvimento de produtos, sustentabilidade ambiental e gestão empresarial, assumindo igualmente funções de liderança em diferentes startups incubadas. Este aspeto revela uma mudança importante na configuração dos ecossistemas de inovação agroalimentar em Moçambique.

Os resultados dialogam diretamente com o framework dos 5 *M's*, desenvolvido por Brush et al. (2009), que enfatiza a influência dos fatores institucionais, sociais e culturais sobre o empreendedorismo feminino. No contexto analisado, verificou-se que o suporte técnico-financeiro proporcionado pelo programa contribuiu para reduzir algumas das barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres no acesso à inovação.

A atribuição de *grants*, mentorias especializadas e acesso a laboratórios criou condições mais favoráveis para a participação feminina em processos de experimentação tecnológica e desenvolvimento empresarial. Estes mecanismos foram particularmente importantes num contexto onde, conforme demonstram Casimiro (2004) e Arthur (2014), as mulheres continuam a enfrentar restrições estruturais no acesso a recursos produtivos, tecnologias e oportunidades económicas.

Embora a simulação teórica tenha sido uma estratégia de mitigação eficaz no curto prazo, a sustentabilidade das startups exige investimento urgente em infraestruturas físicas fixas (drones, laboratórios de prototipagem e conectividade rural). Além disso, os resultados sugerem que a incubação universitária pode funcionar como instrumento de empoderamento económico feminino, ao fortalecer competências técnicas, capacidade de liderança e autonomia



empreendedora. Nesta perspetiva, a inovação deixa de ser apenas um mecanismo económico, assumindo igualmente uma dimensão social e emancipatória, conforme defendem Mama (2001) e Steady (2006).

#### **5.4 Desafios estruturais e limitações do processo de incubação**

Apesar dos resultados positivos alcançados, o estudo identificou alguns desafios estruturais que condicionaram parcialmente o processo de incubação. Entre os principais desafios destacaram-se as limitações de conectividade digital, insuficiência de equipamentos tecnológicos especializados, dificuldades logísticas em áreas rurais e limitações de literacia digital entre alguns participantes.

Estas limitações evidenciam que a consolidação de ecossistemas de inovação em Moçambique continua dependente do fortalecimento das infraestruturas tecnológicas e institucionais. Em vários momentos do processo, particularmente durante as fases de prototipagem e monitorização tecnológica, algumas startups enfrentaram dificuldades relacionadas com acesso a equipamentos específicos, conectividade à internet e recursos técnicos avançados. Estes desafios confirmam igualmente as reflexões de Ali (2020), ao argumentar que a transição digital em Moçambique enfrenta desafios significativos relacionados com desigualdades tecnológicas e limitações de literacia digital, sobretudo em contextos rurais e periféricos.

Outro desafio identificado refere-se à sustentabilidade pós-incubação das startups. Embora o programa tenha proporcionado suporte técnico-financeiro inicial, os resultados sugerem que a escalabilidade das soluções dependerá do fortalecimento das ligações com mercados, investidores, cadeias de valor e instituições de financiamento. Tal constatação evidencia a necessidade de criação de mecanismos

permanentes de acompanhamento e aceleração após o término formal da incubação. Por outro lado, os desafios identificados revelam que a sustentabilidade dos ecossistemas de inovação em Moçambique ainda depende do reforço das infraestruturas tecnológicas, expansão das redes institucionais e criação de mecanismos de suporte contínuo às startups após a fase de incubação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu analisar a eficácia da inclusão de género em ecossistemas de incubação universitária, tomando o programa PROINAGRO como unidade de análise. O PROINAGRO constituiu uma experiência relevante de articulação entre universidade, inovação e empreendedorismo, evidenciando o potencial das incubadoras universitárias enquanto instrumentos de transformação económica e social. A estruturação do Programa em fases progressivas de Hackathon, Pré-Incubação, Incubação Prática e Demoday permitiu criar um ambiente de aprendizagem ativa, no qual os participantes desenvolveram competências técnicas, empresariais e de liderança através da experimentação prática e da validação contínua das soluções desenvolvidas.

O estudo evidencia que a aplicação de metodologias como Lean Startup, Design Thinking e *Learning by Doing* favoreceu a maturação dos modelos de negócio e a aproximação entre conhecimento científico e necessidades reais do mercado agroalimentar. Neste sentido, o PROINAGRO demonstrou que a inovação em contextos periféricos não depende exclusivamente de tecnologias disruptivas, mas também da capacidade de adaptar conhecimento científico às realidades socioeconómicas locais.

O estudo evidenciou igualmente que a conversão de ciência em negócios escaláveis no agronegócio

moçambicano não depende apenas da excelência técnica, mas da capacidade institucional de mitigar desigualdades estruturais através de mecanismos de suporte *Meso*.

No que se refere à dimensão de género, a inclusão feminina constituiu um elemento estratégico do Programa. O acesso a mentorias, *grants*, formação técnica e infraestruturas de incubação contribuiu para ampliar a participação das mulheres em espaços de inovação tecnológica e empreendedorismo agroalimentar, tradicionalmente marcados por desigualdades estruturais. As mulheres moçambicanas quando providas de suporte técnico-financeiro (os *grants*) e imersão prática (*learning by doing*), transcendem o empreendedorismo de necessidade para liderar inovações de oportunidade com elevado nível de maturidade tecnológica.

O estudo indicia que programas de incubação sensíveis ao género podem atuar simultaneamente como mecanismos de inclusão económica, fortalecimento da autonomia feminina e promoção do desenvolvimento sustentável. Portanto, o estudo expande o *Gender-Aware Framework* de Brush et al. (2009) ao demonstrar que, no Sul Global, o M de *Motherhood* e o contexto social não atuam apenas como barreiras, mas como vetores de relevância para a inovação frugal em segurança alimentar e resiliência climática. O estudo contribui para o aprofundamento do debate sobre inovação, empreendedorismo feminino e incubação universitária no Sul Global, particularmente em contextos africanos ainda pouco explorados na literatura internacional. Além disso, reforça a pertinência de abordagens interdisciplinares que integrem inovação tecnológica, inclusão de género e desenvolvimento territorial na análise dos ecossistemas empreendedores.

O estudo sugere que o modelo de *Triple Helix* (Academia-Governo-Parceiros Internacionais) é o caminho mais viável para a modernização do setor agrário em Moçambique. A criação de fundos de investimento

vinculados às universidades é vital para que protótipos promissores não morram na fase laboratorial por falta de capital inicial.

Em suma, o PROINAGRO evidenciou que a universidade pública moçambicana tem a capacidade de atuar como um motor de desenvolvimento inclusivo. Ao colocar a mulher no centro da inovação agro-alimentar, Moçambique não está apenas a promover a equidade, mas a garantir que o futuro da sua agricultura seja resiliente, tecnologicamente robusto e socialmente justo.

Recomenda-se que futuras iniciativas de incubação fortaleçam os mecanismos de acompanhamento pós-incubação, ampliem as redes de parceria com o setor privado e aprofundem estratégias específicas de inclusão digital e financeira para mulheres empreendedoras. Sugere-se igualmente a realização de estudos longitudinais que permitam avaliar a sustentabilidade, escalabilidade e impacto socioeconómico das startups incubadas a médio e longo prazo. Não obstante, o estudo limitou-se ao ciclo de incubação imediato, que impossibilita aferir, neste momento, a taxa de sobrevivência das startups após o primeiro ano de mercado. Portanto, sugere-se a realização de um estudo longitudinal que acompanhe a trajetória pós-graduação destas empreendedoras, avaliando o seu impacto real na geração de emprego e na transformação das cadeias de valor locais.

## REFERÊNCIAS

Amable, B. (1995). *Endogenous growth and cycles through radical and incremental innovation*. Cepremap.

Abuhussein T., Koburtay T. (2021). Opportunities and constraints of women entrepreneurs in Jordan: an update of the 5Ms framework. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 27(6), p. 1448-1475, doi: <https://doi.org/10.1108/>

Ali, R. (2020). *Digitalização e Emprego em Moçambique*. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE).

Ali, R. (2020). *Transformação digital e inovação em Moçambique: desafios e oportunidades para o desenvolvimento inclusivo*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane

Amoako, I. O., & Lyon, F. (2014). We don't trust even the church: The role of informal institutions in managing trust in inter-firm relationships in Ghana. *Journal of Business Research*, 67(6), p. 1222-1232.

Arrow, K. J. (1962). The economic implications of learning by doing. *Review of Economic Studies*, Oxford, 29(3), p. 155-173, 1962.

Arthur, M. J. (2014). *Género, Direitos e acesso à terra em Moçambique*. Maputo: WLSA Moçambique.

Brush, C. G., de Bruin, A., & Welter, F. (2009). A gender-aware framework for women's entrepreneurship. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 1(1), p. 8-24.

Banco Mundial. (2024). *Mozambique Higher Education and Innovation Support Project*. Washington, D. C.: World Bank.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Brown, T. (2008). Design thinking. *Harvard Business Review*, Boston, 86(6), p. 84-92.

Casimiro, I. (2004). *Paz na Terra, Guerra em Casa: Feminismo e Organizações de Mulheres em Moçambique*. Maputo: Promédia.

Castel-Branco, C. N. (2014). *Crescimento Económico e Extractivismo em Moçambique*. Maputo: IESE.

De Magdalene, P. & Green, K. R. (2025). Gender and social entrepreneurship in turbulent waters: developing a gender-aware conceptual framework. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 17(1), p. 37-64, doi: <https://doi.org/10.1108/IJGE-02-2024-0064>

Denzin, N. K. (1978). *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. 2. ed. New York: McGraw-Hill.

Etzkowitz, H., & Leydesdorff, L. (2000). The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university-industry-government relations. *Research Policy*, 29(2), p. 109-123.

Francisco, A. (2015). *Demografia e Desenvolvimento em Moçambique*. Maputo: IESE.

Francisco, A. (2015). *Desenvolvimento em Moçambique: crescimento económico sem desenvolvimento humano?* Maputo: IESE.

Hall, A. et al. (2006). From measuring impact to learning institutional lessons: an innovation systems perspective on improving the management of international agricultural research. *Agricultural Systems*, 78(2), p. 213-241.

Kenneth J. A. (1962). The Economic Implications of Learning by Doing, *The Review of Economic Studies*, 29(3), june, p. 155-173, <https://doi.org/10.2307/2295952>

Mama, A. (2001). Challenging subjects: gender and power in African contexts. *African Sociological Review*, 5(2), p. 63-73.

Mazzucato, M. (2013). *The Entrepreneurial State: Debunking Public vs. Private Sector Myths*. London: Anthem Press.

Mosca, J. (2014). *Agricultura Moçambicana: Evolução e Estruturas*. Maputo: Escolar Editora.

Nuvunga, A. (2013). *Governança Económica e Desigualdades em Moçambique*. Maputo: IESE.

Osterwalder, A., & Pigneur, Y. (2010). *Business Model Generation: A Handbook for Visionaries, Game Changers, and Challengers*. John Wiley & Sons.

Ries, E. (2011). *The lean startup: how today's entrepreneurs use continuous innovation to create radically successful businesses*. New York: Crown Business.

Schumpeter, J. A. (1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Spielman, D. J. (2005). Innovation systems perspectives on developing-country agriculture: a critical review. *ISNAR Discussion Paper*, Washington, D.C.

Steady, F. C. (2006). *Women and leadership in West Africa: mothering the nation and humanizing the state*. New York: Palgrave Macmillan.

Universidade Eduardo Mondlane. (2025). *Relatório Final do Programa de Incubação de Negócios Agro-Alimentares (PROINAGRO)*. Maputo: UEM/CIUEM/ESNEC, 2025.

Universidade Eduardo Mondlane. (2025). *Termos de Referência do Hackathon PROINAGRO*. Maputo: UEM, 2025.

Universidade Eduardo Mondlane. (2025). *Guião Metodológico de Pré-Incubação e Incubação Prática do PROINAGRO*. Maputo: UEM, 2025.

Universidade Eduardo Mondlane. (2025). *Plano Estratégico da UEM: Inovação e Extensão Universitária*. Maputo: UEM.

Yang, Y., John, A. & Mohelská, H. (2025). The drivers of female entrepreneurship: A bibliometric analysis of the literature', *South African Journal of Economic and Management Sciences* 28(1), a6043. doi.org/10.4102/sajems.v28i1.6043

Yin, R. K. (2014). *Case Study Research: Design and Methods*. (5th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

World Bank. (2024). *Agribusiness and Innovation in Sub-Saharan Africa: Challenges and Opportunities for Gender Inclusion*. Washington, DC: World Bank Publications.